

SIMPÓSIO AT012

A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ADICIONAL POR INDÍGENAS DA ETNIA TAPAYUNA: considerações sobre as formas de aprendizagem da língua portuguesa brasileira

LUZ, Jislaine
UNEMAT
jislaineluz@hotmail.com

Resumo: A presente pesquisa de caráter qualitativo é resultante de um estudo realizado para a disciplina de mestrado Línguas estrangeiras em diferentes contextos, do programa de Pós-graduação em Letras/Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), em Sinop, Mato Grosso. Os sujeitos da pesquisa são indígenas da etnia Tapayuna, moradores na aldeia Kawêretxikô, localizada no Parque Indígena do Xingu. O povo Tapayuna possui sua língua pertencente à família Jê, do tronco linguístico Macro-Jê. A metodologia de análise qualitativa, referenciada em Bortoni-Ricardo (2008). Utilizou-se a entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados somada à observação participante, conforme Antônio Chizzotti (1991). O corpus deste trabalho apresenta dois relatos, cujo objetivo central é a compreensão de como acontece a aquisição da língua adicional, neste caso, o português falado no Brasil, para os indígenas Tapayuna. Os excertos, analisados à luz das teorias de aquisição de segunda língua (ASL), abordadas pela autora Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (2014), resultam na indicação do fenômeno linguístico recorrente que evidencia-se na fala dos entrevistados e corroboram a teoria de interlíngua, embasada pelos estudos de Paiva (2014). Dessa forma, compreende-se esta pesquisa como uma experiência inicial de análise com falantes indígenas, de cujos conceitos explorados surgem não só alguns caminhos pelo olhar da pesquisa acerca das línguas indígenas, como também suscita reflexões necessárias às políticas linguísticas para os povos indígenas no país.

Palavras-chave: Linguística; aquisição; línguas indígenas

Abstract: The present qualitative research is the result of a study conducted for the Master's degree Foreign Languages in different contexts, a discipline of the Postgraduate Program in Letters / Linguistics, University of the State of Mato Grosso (UNEMAT), in Sinop, Mato Grosso, Brazil. The researched subjects are indigenous of the Tapayuna ethnic group, inhabitants in the village Kawêretxikô, located in the Indigenous Park of the Xingu. The Tapayuna people have their own language belonging to the family Jê, of the linguistic trunk Macro-Jê. The methodology of qualitative analysis is referenced in Bortoni-Ricardo (2008). The semi-structured interview was used as a data collection technique in addition to participant observation, according to Antônio Chizzotti (1991). The corpus of this work presents two reports, whose main objective is the understanding of how the acquisition of the additional language, in this case, the Portuguese spoken in Brazil, for the Tapayuna Indians. The

excerpts, analyzed according to the theories of second language acquisition (ASL), addressed by the author Vera Lúcia Menezes de Oliveira and Paiva (2014), result in the indication of the recurrent linguistic phenomenon that is evidenced in the interviewees' speech and corroborates the theory interlingua, based on studies by Paiva (2014). In this way, this research is understood as an initial experience of analysis with indigenous speakers, whose explored concepts not only reveal some ways of looking at the indigenous languages, but also the necessary reflections on linguistic policies for indigenous peoples in the country .

Keywords: Linguistic; acquisition; indigenous languages

Introdução

O presente estudo apresenta algumas reflexões acerca das influências e transformações resultando na língua falada pelos Tapayuna atualmente no desenvolvimento das competências comunicativas em língua portuguesa, sendo que para esse momento, a língua escrita não entra em questão.

Trata-se de uma análise contextual que busca colaborar para a compreensão do fenômeno linguístico que ocorre na Língua Tapayuna, tomada como L1 ou língua materna, em contato com a Língua Portuguesa, tomada como L2 ou língua adicional, como também infere a respeito desse fenômeno com outros contatos linguísticos possíveis que possam influenciar na presença da formação de Interlíngua (IL), à luz das teorias da Aquisição da Segunda língua (ASL).

1. O povo Tapayuna: deslocamentos e lutas

O contexto da presente pesquisa ocorre com indígenas da etnia Tapayuna, os quais se auto denominam como Kajkwakratxi, cuja tradução literal segundo estudos da antropóloga e pesquisadora Daniela Batista de Lima (2018) é “os do começo do céu, leste”. Atualmente vivem no Parque Nacional do Xingu, na Aldeia Kawêretxikô, na terra indígena Capoto-Jarina e Wawi, ambas no estado de Mato Grosso.

Segundo dados reunidos pelo Instituto Socioambiental (2010), estudos realizados pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 1995¹, apontam que a população Tapayuna nessa região era de somente 58 pessoas, sendo que em 2010 houve um aumento para cerca de 160 pessoas.

Lima (2018) destaca dois eventos trágicos que marcaram para sempre a história do povo Tapayuna. O primeiro, em 1953, por envenenamento através de arsênico no açúcar descoberto 15 anos depois do ocorrido e largamente noticiado e, posteriormente sem muita divulgação, foi encontrado veneno em carne de anta que também vitimou muitos indígenas, sem contar que o deslocamento forçado ao parque Nacional do Xingu também provocou mortes por doenças, já que os contatos com não-indígenas ficava cada vez mais frequente neste local.

Após esse breve histórico dos deslocamentos e contatos, é importante destacar que a língua e cultura do povo Tapayuna sofreram transformações significativas para sua adaptação e sobrevivência até hoje, em uma constante construção de sua identidade em um local sem a pertença de seu povo, sem o seu sagrado e em contato linguístico intenso.

2. Percurso metodológico

A metodologia para essa pesquisa baseia-se no método qualitativo-interpretativista indicado em Bortoni-Ricardo (2008), em que foi utilizada a entrevista semiestruturada, embasada em Chizzotti (1991). Como técnica de coleta de dados, os depoimentos foram gravados em áudio e após transcritos e recortados para análise.

O corpus da pesquisa está composto por tabelas com recortes dos relatos de dois professores-estudantes indígenas da etnia Tapayuna, moradores na Aldeia Kawêretxikô.

¹ Para mais informações sobre o povo Tapayuna e sua história, esse texto apresenta dados oriundos de várias fontes de pesquisa reunidos em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tapayuna#L.C3.ADngua>

O primeiro entrevistado, doravante nomeado P1, encontra-se cursando o ensino superior em Pedagogia, e o segundo sujeito dessa pesquisa nomeado como P2, cursa o magistério indígena, ambos na modalidade de ensino semipresencial.

As reflexões teóricas apresentadas nas análises objetivam demonstrar as características acerca do fenômeno de interlíngua gerado a partir dos contatos linguísticos com o não-indígena falante nativo da L2, bem como abordar as transformações que a língua sofreu para que ocorresse o processo comunicativo com falantes do português brasileiro. Os dois participantes da pesquisa assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo que suas identidades serão preservadas no anonimato.

3. Evidência de interlíngua em falantes Tapayuna

Novamente remetemos a Lucchesi (2012, p. 50) quando afirma que “o Brasil é um dos países mais monolíngues do mundo, pois mais de 98% da sua população tem apenas o português como língua materna”, apontando para um passado de multilinguismo, que agora é bastante localizado, e exemplo dos recortes desta análise, onde esse aspecto é recorrente entre os Tapayuna.

Através da análise dos excertos, percebe-se que há ainda dificuldades em estabelecer as combinações lexicais nos enunciados, em que podemos perceber uma adequação linguística e correções realizadas nas retomadas pelo falante P1. Vejamos alguns recortes:

Eu estudei e aprendi e depois um curso não vai “acontece”
foi foi eu transferir transferido na na cidade aí eu to fazendo lá
assim que eu “aprendieu” e eu não aprendi lá não é na cidade.
o curso não vai “aconteceu” lá eu transferiu na aldeia
na cidade né na cidade pra fazer um um estudo com o que eu fazer a sua língua né

assim que eu aprendi na sua língua

É assim que eu aprendi.

Fonte: acervo da autora. Entrevista coletada em 27 de junho de 2018

Podemos observar através do relato que o sujeito P1 é um sujeito cuja ASL, no caso da L2 sendo a língua portuguesa, é um processo que ainda está em construção. Supostamente, as combinações lexicais ainda recebem influência da língua materna na questão fonética, e recorrentes adaptações, especialmente no que se refere a concordância verbal (não vai acontece = não vai acontecer, eu transferir = eu transferi, não vai aconteceu = não aconteceu, nesse caso, também evidencia o desempenho do falante em L2.

Tomando como base as teorias da ASL em Paiva (2014), este excerto pode ser contextualizado na teoria da interlíngua (IL), termo cunhado pelo linguista Larry Selinker (1972) baseado nos estudos de Corder (1967), os quais evidenciam “a existência de sistemas linguísticos característicos dos diversos níveis de desenvolvimento e que devem ser vistos como evidências do processo de desenvolvimento da segunda língua” (PAIVA, 2014, p. 160).

Selinker aponta os tópicos que podem ser observados no caso de interlíngua, dentre eles, destacamos a estratégia de aprendizagem da língua portuguesa, o que gerou uma língua que não configura-se nem a L1 assim como ainda não se encaixa nas normas da L2, mas tendo em vista a complexidade dos níveis decorrentes do contato linguístico com a língua portuguesa, esse processo interno de aprimoramento do desempenho é instável e se transforma a cada nova adequação.

O aprendizado da L2 na escola ocorre primeiramente em língua materna, por isso a relação direta com os aspectos fonéticos e fonológicos da mesma, para depois avançar no contato com os falantes da L2 e aprendizado em cursos, nos quais se pressupõe que as interações com falantes da língua portuguesa tenham sido maiores, sendo o curso localizado na cidade.

Entretanto o desempenho na L2 ainda é instável, como pondera Castro (2015) referindo-se à ASL:

No que diz respeito à idade de exposição a L2, e apesar de não haver consenso quanto a existência de um período crítico ou a possibilidade de os estudantes poderem atingir um nível de competência equiparável a de um falante nativo, “[...] there is some evidence for an age related decline in abilities” (Gass & Selinker, 2008, p. 414), havendo dados que apontam para o facto de os estudantes mais jovens (sobretudo as crianças) revelarem vantagem na aquisição da fonologia e maior probabilidade de atingirem um nível de proficiência próxima de um falante nativo, embora sejam também reconhecidas algumas vantagens aos estudantes adultos, nomeadamente, em relação ao ritmo de aprendizagem da sintaxe e da morfologia, concluindo-se que: “[t]here is general consensus that most older individuals cannot reasonably hope to ever achieve a native accent in a second language. There is no such consensus about other areas of language” (Gass & Selinker, 2008, p. 407 apud CASTRO, 2015, p. 11).

O próximo excerto evidencia outras marcas de ASL no mesmo sentido da IL, mas P2 menciona que sua aprendizagem não foi inicialmente na escola, apesar de afirmar que primeiramente aprendeu a ler:

Então (...)eu comecei aprender a ler primeiro né, quando eu era 12 por aí
aprendendo no português mas não professores indígenas eles eles estão falando na língua não por isso que eu aprendi “anti” de de leitura assim e depois eu conversei com técnica brancos por isso que eu falo português antes de (...) depois da leitura.

Fonte: acervo da autora. Entrevista coletada em 27 de junho de 2018

Novamente é possível perceber em P2 as relações de interlíngua e a ASL em estágio de construção das sentenças para atingir satisfatoriamente o ideal da competência comunicativa em língua portuguesa brasileira. Aqui podemos evidenciar a IL através dos recursos de repetição, por exemplo, como estratégia para que a comunicação seja compreensível pelo nativo da L2, característico da teoria da interlíngua pesquisada por Selinker.

Quando P2 relaciona a aprendizagem às conversas com a técnica “branca” como ele mesmo se refere, é possível notar as evidências da interlíngua, pois considera diversas maneiras de ASL, aliadas a idade e ao contato progressivo e contínuo com a L2, iniciado antes dos 12 anos, sendo aprimorada na aprendizagem escolarizada.

A evolução dos níveis de ASL são individuais e associativos, mas são transitórias e modificáveis ao longo das experiências e contato com os diversos contextos comunicativos da língua alvo pelo aprendiz. A questão da aprendizagem de uma segunda ou terceira língua, no caso do multilinguismo ao qual estão imersos os falantes indígenas Tapayuna.

Tanto os sentidos quanto o funcionamento da vivência linguística dos falantes é transitório, posto que o contexto indígena encontra-se em um momento histórico de contato intenso não só com falantes da língua portuguesa, portanto, envolve elementos lexicais e semânticos difusos, o que destaca a consciência das retomadas na comunicação pelos falantes aprendizes.

Considerações finais

O ato comunicativo se dá gerado de heranças comunicativas, em que a língua vai se adaptando ao ato de comunicação que a exige. Alarcón (2014, p. 48) afirma que em seus estudos, Selinker (1972) colocou a interlíngua como um sistema psicológico, ou seja, desenvolvido individualmente a partir das necessidades comunicativas que se apresentam ao falante.

Entretanto, não é possível afirmar se há realmente a influência do léxico da língua materna na ASL pelos entrevistados indígenas, pois não há estudos suficientes que descrevam as combinações lexicais para que seja feita tal constatação, tendo em vista que esse processo de IL também é pautado na transferência das regras da língua materna para a língua adicional, especialmente em aprendizes adultos, como no caso dos sujeitos dessa pesquisa.

Pode-se perceber que a ASL pelos indígenas Tapayuna entrevistados, configura-se em uma estrutura temporária no que tange tanto no léxico quanto na semântica, pois o falante cria soluções para as combinações ainda não adquiridas da língua adicional, ou seja, o português brasileiro que, segundo Paiva (2014), são, portanto, evidências da interlíngua.

Referências

- ALARCÓN, Yeris Gerardo Láscar. Níveis de interlíngua na escrita de estudantes de um curso de letras/espanhol: Análise de erros e acertos. 2014. 172 f. Mestrado (mestrado em Linguística Aplicada)- Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília DF, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17455/1/2014_YerisGerardoLascarAlarcon.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- BORTONI-RICARDO. Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CASTRO, Catarina. O Papel dos Mecanismos de Aprendizagem Implícitos e Explícitos na Aquisição de uma Segunda Língua:: Implicações Pedagógicas. Revista portuguesa de pedagogia, Portugal, n. 49-2, p. 7-25, 2015. Disponível em: <<http://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/issue/view/156>>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- CHIZOTTI, A. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez, 1991.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povo Tapayuna. [S. l.], 2010. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tapayuna>>. Acesso em: 6 ago. 2018.
- LIMA, Daniela Batista de. Povos isolados na Amazônia: Quem são os Tapayuna?. 10. ed. [S. l.], 27 mar. 2018. Disponível em: <<https://boletimisolados.trabalhoindigenista.org.br/2018/03/27/quem-sao-os-tapayuna/>>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- PAIVA. Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Aquisição de segunda língua. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.